

Leitura Em Meio Digital: Desafios De Um Novo Contexto.

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Zanoni da Silva¹ (UEMG)

Resumo:

As novas tecnologias de informação proporcionaram a veiculação de um alto índice de informações, sobretudo aquelas manifestas na superfícies de textos digitais, por meio das quais o leitor pôde ter mais acesso ao conhecimento. A mudança do suporte físico para o digital, por sua vez, requer reflexões voltadas para o processo de leitura. Uma das etapas desse processo foi evidenciada por Paulo Freire ao afirmar que “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas umarelção dinâmica que vincula linguagem e realidade”.(1981,p.9). Essa afirmação destaca a formação de um leitor competente, cuja capacidade de estabelecer relações dialógicas entre o texto e o seu contexto, de forma dinâmica, esteja plenamente desenvolvida, uma vez que a linguagem e os canais de transmissão constituem partes do real, caracterizado por constantes transformações. As transformações exigem posicionamentos críticos voltados para a reflexão a respeito da relação que se estabelece entre as práticas de ensino adotadas pelo educador, o leitor e o texto digital, bem como as implicações decorrentes desse processo. A associação dos estudos de Freire a respeito do ato de ler com os pressupostos teóricos de Santaella, Lévy e Marcuschi, evidencia como quesitos essências à leitura de hipertextos deixam entrever algumas lacunas na concepção do processo necessário ao desenvolvimento da habilidade de leitura.

Palavras-chave: leitura, hipertexto, lacunas.

1 Introdução

As novas tecnologias de informação proporcionaram a veiculação de um alto índice informações, sobretudo aquelas manifestas na superfície de textos digitais, por meio dos quais o leitor pôde ter mais acesso ao conhecimento. A mudança do suporte físico para o digital, por sua vez, requer reflexões voltadas para o processo de leitura. Uma das etapas desse processo foi evidenciada por Paulo Freire em *A importância do ato de Ler* no seguinte trecho: “ a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. (1981, p.9).

A afirmação de Freire destaca a formação de um leitor competente, cuja capacidade de estabelecer relações dialógicas entre o texto e o seu contexto de forma dinâmica esteja plenamente desenvolvida, uma vez que a linguagem e os canais de transmissão constituem partes do real, caracterizado por constantes transformações. Essas transformações exigem posicionamentos críticos voltados para a reflexão a respeito da relação que se estabelece entre as práticas de ensino adotadas

pelo educador, o leitor e o texto digital, bem como as implicações decorrentes desse processo.

A associação dos estudos de Freire a respeito do ato de ler com os pressupostos teóricos de Santaella, Lévy, Marcuchi, evidenciam como os quesitos essenciais à leitura do hipertexto deixam entrever algumas lacunas na concepção do processo necessário ao desenvolvimento da habilidade de leitura.

O desenvolvimento da habilidade de ler surgiu no momento em que o homem descobriu que era capaz de se comunicar por meio da representação gráfica de seus atos e sentimentos. Nesse percurso, a história da escrita e, por conseguinte, da leitura passou por processos de adaptação aos diferentes canais de acesso ao texto, sobretudo nas últimas décadas com a difusão de novas tecnologias de informação.

Lúcia Santaella (2003) chama a atenção para o fato de que o uso de novas tecnologias de informação e comunicação promove mudanças nos diferentes segmentos sociais. Em 1990, por exemplo, a popularização do acesso à Internet constituiu uma nova fonte de leitura, porque além da divulgação impressa, os textos puderam ser acessados também por meio da rede mundial de computadores. Com essa popularização, a tela do computador passou a ser mais um canal propício à leitura e aquisição de conhecimento.

Pela tela do computador é possível acessar, por exemplo, um clássico da literatura, disponibilizado em sites especializados, e efetuar uma leitura linear, tal qual aquela realizada na versão impressa. Se considerado somente sob esse aspecto, não há grandes novidades no processo de leitura dos textos disseminados por meio da internet, pois a organização e a disposição deles seguem uma linearidade semelhante aquela do texto impresso. Porém, tal como apregoado por Freire (1981) é preciso que o ato de ler a palavra seja posterior ao da leitura do mundo e, nesse sentido, constata-se a necessidade de se compreender as novas formas de leitura e construção do sentido decorrentes do uso das tecnologias de informação. Nesse contexto tecnológico surgem, também, preocupações relacionadas ao desenvolvimento do leitor, bem como, do educador voltar-se para aspectos inerentes ao processo de leitura decorrente desse universo. Faz-se necessário “ler” de forma mais ampla o mundo das tecnologias, para em seguida efetuar a leitura propriamente dita. Não basta afirmar que no passado o educador contava com apenas com textos impressos e, atualmente, ele pode lançar mão de recursos tecnológicos e trabalhar a leitura de forma interativa, pois o texto digital possibilita maior interação com o leitor. Cabe ao educador compreender os mecanismos que engendram o processo de leitura no campo digital.

O primeiro desafio consiste em compreender o uso das tecnologias como mais uma das fontes de acesso aos textos e não como um elemento que, por si só, seria capaz de possibilitar a concretização do ato de ler ou despertar do gosto pela leitura. Desconsiderar esse fato seria incorrer

no mesmo erro já cometido com o texto impresso, porque conforme afirma Freire: “a leitura de um texto, tomando como pura descrição de um objeto e feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 1981, p.12).

O erro evidenciado por Freire, sobretudo no que diz respeito à leitura de textos no formato digital, mostra a necessidade considerar as relações entre o ato de ler e o uso da tecnologia, porque esta “por si só não muda diretamente o ensino ou a aprendizagem. Pelo contrário, o elemento mais importante é como a tecnologia é incorporada na instrução”. (GRÉGOIRE, *et al* 1996, p.57).

A incorporação de tecnologias no ensino possibilitou novas fontes de acesso à leitura de textos, cujas condições de produção “determinam novas formas de organização do discurso, novos gêneros, novos modos de ler e escrever, e que, portanto, a leitura na tela do computador requer, de certa forma, um sistema de convenções diferentes daquele que regula o texto impresso” (GOULART, 2004, p.53). Incorporar o uso da tecnologia para despertar o gosto pela leitura e aprimorar a capacidade de interpretar requer do educador uma visão teórica mais aprofundada de algumas especificidades dos gêneros textuais que circulam na internet, principalmente daquele cuja ausência de linearidade se destaca como uma das principais características, ou seja, o hipertexto.

2 Navegar é Preciso

Quando na década de noventa, Gilberto Gil cantou os seguintes versos: *Criar meu web site/ Fazer minha/home-page / Com quantos gigabytes/ Se faz uma jangada /Um barco que veleje/*, de certa modo, o compositor já mostrava a existência de um novo oceano, que por sua vez, exige, novas habilidades do navegador. Fazer uma jangada ou um barco que veleje requer gigabyte, ou seja, capacidade de armazenamento e processamento de informações. No oceano criado pela tecnologia não há seres marinhos, mas a “infomaré”, espaço vasto de informações oriundas de diferentes fontes.

Nesse oceano digital, geralmente a “navegação” é considerada como sinônimo de leitura, porque livros, revistas e jornais de diferentes gêneros podem ser acessados apenas com um simples *click*. Ao mover o mouse e clicar sobre um determinado *link*, o leitor realiza uma escolha predeterminada pela sua própria leitura de mundo que, por sua vez, antecede não somente a palavra escrita, mas também as imagens, os sons, a disposição de letras etc presentes no texto aberto na tela. Esses recursos presentes no texto digital, não meros efeitos ilustrativos, pois criam também uma realidade multissensorial, na qual há o entrecruzar diferentes linguagens na tessitura textual e exige do leitor a interação dinâmica dos níveis de leitura sensorial, emocional e racional.

Ao permitir o entrecruzar de diferentes linguagens na superfície textual, a escrita digital

exige um leitor mais interativo, que por sua vez, carece de leituras prévias e capacidade de processar informações com maior agilidade. Nessa etapa, a presença e a orientação do educador são fundamentais para a constituição da percepção crítica do educando, porque durante a navegação, ele se depara com infinitos textos, que nem sempre lhe parecerão significativos, devido à carência de conhecimento prévio a respeito do gênero, ou do assunto tratado. A carência de significação, motivada por diferentes fatores, pode gerar a perda de interesse e cabe ao professor intermediar o processo, porque conforme afirma Smith:

O papel primário dos professores de leitura é o de garantir que as crianças tenham demonstrações adequadas da leitura sendo usada para finalidades evidentemente significativas, e ajudar os alunos a satisfazerem, por si mesmos estas finalidades. Onde as crianças vêem pouca relevância na leitura, então os professores devem mostrar que esta vale à pena. Onde as crianças encontram pouco interesse na leitura, os professores devem criar situações interessantes. Ninguém jamais ensinou uma criança que não estava interessada na leitura, e o interesse não pode ser exigido. (SMITH, 2003, p. 246)

Ao introduzir o educando no reino não apenas das palavras, mas também da “navegação”, o educador precisa ter ciência de que o seu papel não é ensinar a ler, mas mediar o processo, fato que exige dele uma postura de norteador no caminho composto pela indicação do texto realizada pelo próprio educador, o cursor, a tela, o texto com as suas potencialidades de navegação e o leitor. No cotidiano, o educador indica *sites* para leitura de textos referentes a um determinado tema. De *clik* em *click*, o educando direciona o cursor, em busca da compreensão geral do tema. Nesse trajeto sons, imagens, gráficos auxiliam na composição da significação do texto e o educando, por sua vez, precisa captar não só nas entrelinhas, mas também nos “entre links” as informações necessárias a construção do sentido.

A ato de indicar um site parece ser uma ação ausente de implicações sociais, mas como alerta Braga (2003) o volume de informações que circula na internet oferece ao leitor o acesso a visões de mundo que nem sempre são apreciadas pela sociedade. Nesse sentido a indicação pode funcionar como mecanismo de reprodução de códigos de significação socialmente aceitos. Cabe ao educador, portanto, estar ciente que as modificações na materialidade da informação promovem, tal como afirmam Moura e Mantovani:

[...] o apagamento de um dos critérios que permitia distinguir, hierarquizar e classificar os discursos disseminados: o suporte físico. O formato eletrônico, ao relativizar o papel do suporte, rompeu com as possibilidades de identificação da informação a partir da forma, passando a exigir novas habilidades tanto para construir os discursos quanto para assimilá-los. (2003, p. 1)

A troca do suporte físico pelo formato digital requer habilidades não apenas para construir discursos e assimilá-los, mas também de novas perspectivas de intervenção do educador, para que o

ato de ler seja prazeroso e também profícuo. O texto em meio digital retira o leitor de uma posição de conforto, na qual a leitura era efetuada de forma linear, e o faz submergir nas possibilidades de escolhas, mantidas em estado de virtualidade através de marcas denominadas de *hiperlinks*, por meio das quais a significação do texto se concretiza. Os termos link e hiperlink são marcas ou palavras-chave dispostas sobre a superfície textual, que, ao serem acionadas, possibilitam a interligação entre os computadores, ainda que estes estejam em servidores diferentes. Koch (2005) ressalta um dos aspectos positivos desse recurso ao afirmar que “eles permitem ao leitor realizar livremente desvios, fugas, saltos instantâneos para outros locais virtuais da rede, de forma prática, cômoda e econômica”. A interconexão favorece, entre outros aspectos, o desenvolvimento e aquisição de vocabulário, desde que a palavra chave esteja interligada a um dicionário disponibilizado na rede, ampliação de conhecimento histórico, geográfico etc. e, portanto quando bem explorada constitui uma ferramenta propícia ao trabalho do educador. Cabe ressaltar que o educador pode também compor seus textos valendo-se dessas interconexões para enriquecer o conteúdo a ser trabalhado.

O leitor, portanto, entra como um coadjuvante no processo de tessitura textual, posição que exige um desenvolvimento mais pleno das habilidades inerentes ao ato de ler. Navegar entre a rede de hiperlinks significa compreender também que ao alcance de um *click* está o hipertexto, gênero que lança novos desafios para o processo de leitura, bem como estende um convite a reflexão a respeito das estratégias de leitura a serem usadas em sala de aula. É importante lembrar que há um gênero textual impulsionado pelas novas tecnologias, mas não criado por elas, pois notas de rodapé, capítulos, sumários e índices remissivos fazem parte da estrutura do texto impresso e conduzem o leitor a optar por diferentes caminhos, no decorrer da leitura. A inovação proporcionada pelas tecnologias de informação, como afirma Xavier (2010), foi o fato de se converter a deslinearização em viga mestra da configuração do texto.

3 Navegando Em Hipertextos

O marco da teoria hipertextual ocorreu em 1945, com a publicação do artigo do Dr. Vannevar Bush, intitulado de *As we may think*, no qual o autor divulgou um invento, com funcionamento semelhante ao pensamento humano, pois este se dava por meio de processos associativos. Quinze anos depois, em 1960, Theodor Nelson postula o conceito de hipertexto, por ele entendido como “escrita não sequencial – texto que se ramifica e permite ao leitor fazer escolhas, lido melhor em uma tela interativa. Como popularmente concebido, é uma série de pedaços de textos conectados por links que oferecem diferentes caminhos ao leitor”. (1992, p. 23).

Na concepção de Lévy, hipertexto é:

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. (1993, p.33).

Ao inserir no conceito de hipertexto a palavra nós como denominação para as possibilidades de inclusão de diferentes recursos lingüísticos, Levy mostra também que esses recursos não estão ligados entre si de forma linear e, de certo modo deixa implícito a necessidade de se rever o papel do leitor na construção da significação textual.

A esse respeito, Braga aponta aspectos que carecem da atenção do educador. São eles: a perda da noção de texto como um todo, porque “não é possível visualizar a “totalidade do texto dentro dos limites da tela, e o autor não prevê que os leitores necessariamente sigam todos os caminhos disponibilizados para a navegação”. (2003, p.78). A liberdade de escolha do leitor promove o apagamento das noções de começo, meio e fim e, portanto, esse fato deve ser considerado, no decorrer do trabalho com esse gênero.

A estrutura não-linear e não hierárquica do hipertexto gera, tal como afirma Braga, leituras alternativas de um mesmo texto, fato que acontece porque:

[...] no texto impresso cabe ao autor determinar a seqüência das diferentes informações oferecidas e marcar, de forma explícita ou subentendida, o eixo coesivo que as interliga; no hipertexto, cabe ao leitor, durante a leitura – determinar, com base em seu interesse, curiosidade, conhecimento prévio, ou tarefa de leitura – tanto a ordem de acesso às diferentes secções textuais, quanto o eixo coesivo que confere sentido ao texto lido. (2003, p.80).

A significação do texto torna-se dependente do sentido atribuído as partes lidas anteriormente, ou seja, aos co-textos e, portanto, o leitor passa a ter características peculiares e diferente do leitor contemplativo da era impressa. Ao voltar-se para o leitor do ciberespaço, Santaella assim o define “Trata-se, na verdade, de um leitor implodido cuja subjetividade se mescla na hipersubjetividade de infinitos textos num grande caleidoscópio tridimensional onde cada novo nó e nexos pode contar uma outra grande rede numa outra dimensão”.(2007, p.33).

A definição de Santaella revela um caráter interativo, que exige uma capacidade maior de estabelecer relações intertextuais, pois a cada *click*, o leitor se depara com novas possibilidades de configuração da significação. Não se trata mais de contemplar as palavras para encontrar a chave da significação, mas de interagir com elas para, em seguida, construir e/ou reconstruir significados de um texto, cujo significado não é estático, mas dinâmico.

A concepção de leitura de Santaella é esclarecedora e oferece uma visão mais ampla do processo :

A leitura orientada hipermidiaticamente é uma atividade nômade de perambulação de um lado para outro, juntando fragmentos que vão se unindo mediante uma lógica associativa e de mapas cognitivos personalizados e intransferíveis. É, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor. (2004, p.175).

A leitura em suporte digital, por si mesma já tem uma orientação, uma vez que o leitor, de acordo com seus objetivos, navega de *link* em *link* e, nesse processo, o texto vai sendo escrito em consonância com as escolhas feitas pelo leitor-produtor. A leitura hipertextual pressupõe um leitor co-autor, apto a participar do processo de produção de sentido do texto, como também “conhecimentos de várias ordens e uma capacidade de relacionar e associar fatos, dados etc. que nenhuma leitura de um livro vai requerer”. (MARCUSCHI, 2001). A cada associação, novas possibilidades de significação são desencadeadas e a opção por um determinado percurso de sentido depende do grau de erudição do leitor. O reconhecimento das indicações feitas pelo autor do texto constitui um dos elementos essenciais à leitura significativa, porque tal como afirma Umberto Eco “o pensamento só pode reconhecer, alinhar e conservar os fatos se antes tiver encontrado uma ordem que os uma”. (1995, p. 22)

Para Moura a não-linearidade não significa desordem, porque o hipertexto apresenta uma ordem cambiável e despida de fixidez e pré-determinação “que se modifica de acordo com as escolhas de seu receptor, mas que conserva um sentido sem deixar de existir. Sentido esse dado pelas ligações que o leitor faz enquanto interage com o texto”. (2011, p38).

Koch, ao mesmo tempo em que evidencia o caráter dinâmico do hipertexto mostra, também, os pré-requisitos inerentes a sua leitura.

O texto, assim constituído, é dinâmico, está sempre por fazer. Isto implica, por parte do leitor, um trabalho contínuo de organização, seleção, associação, contextualização de informações e, conseqüentemente, de expansão de um texto em outros textos ou a partir de outros textos, uma vez que os textos constitutivos dessa grande rede estão contidos em outros e também contêm outros. (2007,p. 23)

Os aspectos descritos por Santella e Koch, colocam em evidencia que não se trata desenvolver novos mecanismos de leitura, pois tanto o texto em meio impresso como o hipertexto digital requerem, para a sua compreensão, as mesmas habilidades do leitor, ou seja, capacidade de seleção, organização, contextualização, bem com de reconhecimento de marcadores intertextuais. O elemento diferenciador entre os requisitos para a leitura do texto impresso e do hipertexto é a

velocidade, ou seja, quando se lê no formato impresso tem-se mais tempo para efetuar reflexões , associações intertextuais etc, pois o texto está nas mãos do leitor. O leitor pode manuseá-lo de traz para frente, saltar de um capítulo ao outro, buscar o significado de palavras desconhecidas etc, fechar o livro e retornar a leitura no exato ponto em que parou. Ao se efetuar uma leitura hipertextual faz-se necessário realizar essas mesmas estratégias, porém em um tempo menor, porque a velocidade da navegação pelos links requer mais dinamicidade do leitor. Após um click no mouse, o texto se fecha e para continuar a leitura é preciso recomeçar a rota de navegação feita anteriormente. Ao educador cabe, portanto, a função de orientação, ou seja, mostrar ao educando o quão é importante aprender a pensar estabelecendo relações intra e extratextuais. A adoção de atividades que estimulem a cognição constitui um elemento essencial para o desenvolvimento dessa habilidade de leitura e, o educador pode valer-se de diferentes estratégias.

Xavier aponta a detecção de palavras-chave como um requisito para o leitor hipertextual, afirmando que : “caberá ao hiperleitor, ao passar, por intermédio de tais *links*, de um texto a outro, detectar, através da teia formada pelas palavras-chave, quais as informações topicamente relevantes para manter a continuidade temática”.(XAVIER, apud KOCH, 2005,p.69). A identificação de palavras chaves, por exemplo, é uma habilidade de leitura muito comum aos cursos de ensino de língua estrangeira com fins específicos, sobretudo quando o foco recai sobre a leitura, porém pouco explorado no cotidiano escolar.

A releitura de questões inerentes ao ato de ler, sobretudo, aquelas relacionadas à leitura de hipertextos digitais, traz à tona a lacuna existente em relação à aprendizagem. Constatase que, os requisitos elencados para a leitura e compreensão de um hipertexto revelam quanto às reflexões a respeito da leitura ainda vinculam-se a concepção mecanicista de aprendizagem, e o quão distante elas se encontram de postulados como o Paulo Freire, bem como da definição de leitura transcrita a seguir:

Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é o aumento de conhecimento geral ou específico. Ler é trocar. Ler não é só receber. Ler é comparar as experiências próprias com as narradas pelo escritor, comparar o próprio ponto de vista com o dele, recriando idéias e revendo conceitos. Ler é dialogar. Quando lemos, estabelecemos um diálogo com a obra, compreendendo intenções do autor. Somos levados a fazer perguntas e procurar respostas. Ler é exercitar o discernimento. Quando lemos, colocamo-nos de modo favorável ou não aos pontos de vista, pesamos argumentos e argumentamos dentro de nós mesmos, refletimos sobre opções dos personagens ou sobre as idéias defendidas pelo autor. Ler é ampliar a percepção. Ler é ser motivado à observação de aspectos da vida que antes nos passavam despercebida. (FOELKER, 2007, p.)

A difusão dos textos no formato digital e, sobretudo do hipertexto, mostrou a necessidade de se pensar a leitura como um ato dialógico e, portanto, desenvolver a habilidade de dialogar com o

texto vem a ser um dos quesitos essenciais à formação crítica do educando. A experiência estética não é algo que pode ser ensinado, porque ela depende do diálogo que se tem com o texto, seja ele impresso ou digital.

Conclusão

A introdução das tecnologias de informação, na sala de aula, requer uma revisão dos conceitos de texto e leitura. O texto deixa de ter uma estrutura organizada de forma linear, cuja sequência está explicitamente determinada pelo autor, e passa a contar com a interação do leitor, ou seja, com uma co-autoria; o texto despe-se do estatuto de estrutura verbal, abrindo-se para uma perspectiva mais híbrida, na qual diferentes signos, como, por exemplo, imagens, sons, ícones etc. se coadunam na composição da tessitura textual. Ao mesmo tempo em que alguns desses quesitos se mostram como decorrentes da leitura hipertextual, eles também apontam para a necessidade de se repensar o ensino de leitura, pois cada vez mais se exigirá do leitor associações cognitivas. Identificar palavras-chaves, realizar inferências a partir, por exemplo, do título do texto, fazer associações intra e extratextuais são algumas das habilidades que se espera de um leitor e, ao educador não cabe mais o papel de ensinar a ler, mas o de mediador de um processo que requer o desenvolvimento de habilidades cognitivas para se concretizar de forma significativa e prazerosa.

Referências Bibliográficas

BRAGA, D.B. “A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente hipermídia”. In: **Revista da Anpoll**, n.15, p. 65-86, 2003.

CHUN, D. M. ; PLASS, J.L. “Effects of multimedia annotations on vocabulary acquisition”. In: **The Modern Language Journal**. V. 80, n.2, p.183-198, 1996.

COSCARELLI, C. V. “ Leitura numa sociedade informatizada”. In: Mendes, Eliana Amarante M, Oliveira, Paulo M, Benn-Ibler, Veronika (Orgs.). **Revisitações**. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 83-92.

ECO, Umberto. “Muito além da internet”. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 dez. 2003. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/asp1612200398.htm>. Acesso em: 10 ago. 2013.

GÓMEZ, M.V. **Educação em rede: uma visão emancipadora**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

FOELKER, Rita. *Importância da Leitura na Construção do Conhecimento*. Disponível em www.edicoesgil.com.br/educador/leitura. Acesso em 03.08.2013.

GRÉGOIRE, R., BRACEWELL, R. & LAFERRIÈRE, T. **The contribution of new technologies to learning and teaching in elementary and secondary schools: Documentary Review**. Laval

University and McGill University, 1996.

KOCH, Ingedore G. Villaça. “Hipertexto e construção do sentido”. In: **Alfa**, São Paulo, 51 (1): 23-38, 2007.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. “O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula”. In: **Linguagem & Ensino**, Vol. 4, No. 1, 2001 (79-111)

NELSON, T. H. “Opening hypertext: a memoir”. In: TUMAN, M. C. (Ed.). **Literacy online**. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 1992. p.43-57.

SMITH, F. “O papel do professor”. In: **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 127-139.

SANTAELLA, Lucia. “Internet: uma nova plataforma de vida”. In: **Navegar no ciberespaço: perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo, Paulos, 2004.

XAVIER, A. C. “Leitura, texto e hipertexto”. In: **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Orgs. Marcuschi, L.A. et XAVIER, A.C. São Paulo: Cortez Editora, 2010, p. 207 -220.

Ana Maria Zanoni da SILVA (Profa. Dra.)

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Departamento de Linguística, Letras, Comunicação e Artes

E-mail: anazanoni_@hotmail.com